A Revolução Haitiana e suas repercussões

*Estilaque Ferreira dos Santos**

Como sabemos, a revolução haitiana estendeu-se por um período de mais de doze anos (1791-1804), durante o qual todos os países que possuíam colônias baseadas na escravidão negra ficaram em sobressalto. É que, de uma forma ou de outra, as notícias da rebelião dos negros e de tudo que estava acontecendo no Haiti acabaram chegando aos ouvidos dos negros escravos de outras regiões, provocando entre eles um clima de expectativa e inquietação que acabou também por gerar sérias preocupações entre os senhores de escravos de todas as latitudes.

A concomitância parcial com a revolução francesa só serviu para abalar ainda mais a confiança das classes proprietárias das colônias. De tal forma que os princípios liberais e iluministas associados à grande revolução serão recebidos nessas regiões com grande circunspecção. Os "abomináveis princípios franceses" haviam se tornado sinônimos de rebelião escrava, o que era inadmissível para aqueles que entendiam a escravidão como a base dos processos de colonização. As perspectivas de autonomia e separação política que se abriam às antigas colônias foram, dessa forma, profundamente condicionadas pelo temor de uma rebelião semelhante àquela que ocorrera na "pérola das antilhas".

Os Estados Unidos, que haviam adquirido pouco antes sua independência (1774-1783), e cuja parte sul era inteiramente dominada pela escravidão africana, na presença de ameaça tão próxima, trataram de reduzir e até mesmo suspender a importação de novos contingentes de negros africanos. Por outro lado, os proprietários, receosos, iniciaram lentamente um processo de melhoria das condições de vida e de trabalho de seus escravos. De fato, naquele país, a escravidão, em grande parte como reflexo da revolução haitiana, tornou-se, a partir de então, menos opressiva e adquiriu um certo aspecto "patriarcal", que seus apologistas sempre fazem questão de salientar.

Nas ilhas vizinhas ao Haiti, como a Jamaica, a rebelião, que já era crônica, tornou-se cada vez mais ameaçadora. A Inglaterra, sua metrópole, tudo fez para isolá-la do contágio revolucionário, inclusive aproximando-se de Toussaint-Louverture, o líder da revolução vitoriosa, com a finalidade de demovê-lo de qualquer iniciativa com relação à ilha vizinha.

Na América de colonização espanhola não foram menores as repercussões dos episódios haitianos. Sabemos que o próprio Simon Bolívar, no início de suas jornadas pela independência, não tencionava incluir a abolição da escravatura entre os pontos de seu

programa político. Porém, após o fracasso inicial do movimento liderado por ele, o "Libertador" refugiou-se justamente no Haiti, onde o mulato Pétion, então governando a parte sul da ex-colônia francesa, prometeu-lhe ajuda política e militar em troca da inclusão da abolição da escravatura entre os seus projetos, o que de fato ocorreu, provocando uma intensificação do movimento bolivariano que se reacendeu com o apoio dos escravos libertos.

No caso do Brasil, cujas condições, em algumas regiões, muito se assemelhavam às do Haiti, o medo da revolução dos negros tornou-se endêmico e as referências ao "perigo haitiano" tornaram-se recorrentes. Entre os negros, o exemplo da ilha caribenha abria esperanças e dava coragem para enfrentar mais abertamente a dominação de seus senhores. Na Bahia da primeira metade do século dezenove, por exemplo, as rebeliões negras tornaram-se comuns, e essa situação com certeza esteve vinculada ao clima internacional criado pela revolução haitiana. Os senhores de escravos brasileiros tornaram-se então muito mais conservadores e refratários a qualquer participação em movimentos pela independência política da colônia que pudessem colocar em risco o sistema escravista do qual eles eram os principais beneficiados. Dessa maneira, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a independência da antiga colônia portuguesa, proclamada em 1822, da forma como ocorreu, ou seja, por meio de um pacto político tutelado pela própria monarquia bragantina, refletiu o impulso contra-revolucionário e preventivo gerado a partir da revolução haitiana.

No campo especificamente europeu, a revolução dos negros ampliou e deu suporte radical ao movimento pela abolição do tráfico e pela extinção da escravidão, e o perigo de uma revolução geral dos negros passou a contar muito mais que as cantilenas moralistas dos moderados que lideravam a campanha antiescravista no continente europeu. Mas as potências colonialistas e escravistas sentiam-se ultrajadas pela audácia dos negros haitianos e, embora independente de fato, o Haiti tão cedo não obterá o seu reconhecimento. Na verdade, ele passou a ser ameaçado por aquelas potências, especialmente pela sua antiga metrópole, a França, cujo governo, mesmo diante do desastre retumbante da famosa expedição do general Leclerc, organizada por Napoleão Bonaparte em 1801/1802 para destruir o experimento haitiano, insistia e ameaçava a todo momento com uma retomada do controle completo sobre a sua antiga "pérola" das antilhas.

Ameaçada por gigantes como a França, a Inglaterra, os Estados Unidos e a própria Espanha, todos, aliás, derrotados pela sua revolução, e envolvida em suas disputas interimperialistas, a jovem nação negra teve de manobrar inteligentemente no sentido de impedir uma cruzada contra-revolucionária contra si mesma. Por exemplo, a aproximação comercial com a Inglaterra e com os Estados Unidos, ainda na fase de Toussaint-Louverture, tinha esse objetivo estratégico de impedir a união dos países inimigos da revolução. O Haiti buscará então, com sofreguidão, o reconhecimento formal de sua independência, encontrando resistência por toda parte. Finalmente, já em 1825 (sic), ele

conseguiu negociar com a relutante e rancorosa antiga metrópole o almejado reconhecimento. Mas este custou-lhe caríssimo, cento e cinqüenta milhões de francos-ouro, uma fortuna para a época, o que sobrecarregará imensamente a já combalida economia da antiga colônia, que levará, mesmo assim, mais de cinqüenta anos para quitar completamente a dívida assumida com a sua ex-"mãe-pátria". A Inglaterra e os Estados Unidos, mesmo sendo seus parceiros comerciais, como já vimos, não foram mais indulgentes com a nova nação e só a reconheceram depois da França.

Como conseqüência das ameaças externas, associadas à precariedade da situação econômica interna, a maior parte do combalido orçamento do novo estado passou a ser destinada aos gastos militares e o país acabou radicalizando o processo de militarização já iniciado com a revolução. Nessas condições, a reconstrução da economia e da sociedade tornou-se cada vez mais difícil e a militarização trouxe consigo o aguçamento das contradições e conflitos que já se anunciavam na fase propriamente revolucionária. O conflito entre mulatos e negros pouco a pouco assumia a preponderância no cenário político e social, mas ele não era o único que afetava a estabilidade do país. Os dois segmentos raciais mencionados dividiam-se, por sua vez, em várias categorias sociais ou situacionais. Os negros, que eram a ampla maioria da população, estavam longe de alcançar qualquer homogeneidade social. Por outro lado, a essas contradições logo se acrescentou um outro aspecto: o caráter regional e local dos conflitos, contrapondo-se o norte ao sul e ao oeste. Mas a questão central que se colocava ao novo estado vinculava-se à opção que ele deveria fazer: integrar-se ou não (e como) a uma perspectiva "ocidental" de reorganização econômica, social e política do novo país. Por um lado, a camada minoritária, porém muito influente, dos mulatos ricos, era fortemente ocidentalizada e propugnava por um modelo de sociedade integrada ao padrão burguês e ocidental. Mesmo algumas lideranças negras, como o próprio Toussaint-Louverture, ou o futuro presidente Cristóvão, e muitos outros, eram também adeptos de uma perspectiva "modernizadora". Mas, por outro lado, a grande maioria dos ex-escravos era visivelmente refratária a qualquer alternativa que lhes lembrasse vagamente a experiência dolorosa e certamente desastrosa que tiveram ao "integrar-se" ao esquema produtivo europeu, na condição subalterna e opressiva de escravos. Esse esquema fora demasiadamente cruel com eles para que se sentissem atraídos por algum de seus aspectos. Assim, com esse pano de fundo, os conflitos e as divisões de toda ordem não tardaram a incendiar a jovem nação negra.

Como sabemos, a liderança da luta pela independência, depois da prisão e do afastamento de Toussaint, coube ao africano Dessalines, homem de confiança de Toussaint e um dos seus generais. Ao contrário de seu líder, porém, Dessalines não hesitou em apontar no rumo de uma separação integral da França, o que acabou lhe valendo a supremacia na organização do primeiro governo do Haiti. Assim, em outubro de 1804, Dessalines foi aclamado como imperador

Jacques I, formando um governo que duraria apenas dois anos, deposto que foi por uma revolta liderada por mulatos do sul. O seu sucessor foi o já mencionado Cristóvão, ex-garçom na cidade do Cabo, e também um ex-general de Toussaint, mas os mulatos do sul se recusarão a obedecer-lhe e elegerão como seu presidente Alexandre Pétion, um mulato rico que se destacara à frente do exército do sul nas lutas contra os franceses. O Haiti permanecerá com dois governos até a reunificação promovida pelo mulato Boyer, já em 1822.

As lutas de clãs e de bandos militares suceder-se-ão praticamente sem interrupção por todo o século dezenove. Nenhuma estabilidade institucional foi atingida e a economia deu passos largos no sentido de um retrocesso definitivo. O resultado foi o definhamento do país como um todo, sobretudo no âmbito interno, mas também no externo. Esse enfraquecimento favoreceu a dependência e a invasão estrangeira, que não tardou a verificar-se. De 1915 a 1934, os Estados Unidos ocuparam permanentemente o Haiti, impondo-lhe governos e políticas, mas uma forte aversão de cunho nacionalista acabou apressando o fracasso dos americanos, que foram obrigados a retirar-se, deixando atrás de si um país seriamente arruinado. Depois de vários golpes militares, assume o poder, em 1957, o famigerado Dr. François Duvalier, mais conhecido como "Papa Doc", que, aos poucos, com o auxílio de seus "tonton macoute", construirá um poderoso esquema de dominação ditatorial, cujos vestígios aparecem até hoje nos episódios relacionados ao impedimento do presidente eleito, o padre progressista Aristide, o popular "Padre Tide". Quando acabava de escrever este texto, a televisão e os jornais anunciavam o início de um bloqueio naval ao Haiti, liderado... pelos Estados Unidos.

É extremamente difícil avaliar a história de qualquer povo à luz de suas peripécias e realizações Isso porque, parece-nos, cada experiência histórica constitui os seus próprios critérios de avaliação. O grande historiador da escravidão moderna, o americano Eugene Genovese, em seu livro "Da Rebelião à Revolução", em grande parte baseando-se em C.L.R. James e seu "Black Jacobins", que continua sendo o grande clássico sobre a revolução haitiana (e base também desta pequena introdução ao estudo da revolução), conceitua a revolução haitiana em termos de sua inserção no movimento das revoluções burguesas de fins do século dezoito. Assim, na perspectiva de Genovese, as revoltas de escravos anteriores à revolução, visavam à restauração de um modo de vida tradicional que vigorava na África antes da sua escravização e deportação para a América. Esse caráter "restauracionista" dava-lhes um certo cunho "reacionário", para quem, como o marxista Genovese, pensa em termos do "desenvolvimento das forças produtivas". No entanto, segundo ainda Genovese, com a revolução haitiana, essa visão restauracionista teria dado um recuo e a revolução marcaria assim um momento de ruptura na história das rebeliões escravas, pois, para ele, o episódio haitiano teria marcado a passagem para uma fase caracterizada pelas reivindicações

universalistas vinculadas aos direitos do homem e não mais baseadas num apelo cultural e étnico.

Nessa visão, a revolução haitiana, pela sua inserção na "maré revolucionária internacional", seria um capítulo da luta pela liberdade, no contexto da chamada "civilização ocidental". Aqui, valoriza-se o contexto em que se inseriu a revolução, derivando daí a sua caracterização mais geral. É claro, e nesse ponto concordamos inteiramente com Genovese, que a revolução haitiana seria impensável sem a consideração da importância que a revolução francesa teve para a sua eclosão, fato que nós mesmos já havíamos salientado no início deste modesto trabalho. De outra parte, também salientamos as repercussões que o estabelecimento do primeiro estado negro de ex-escravos na América Latina teve nessa e sobre outras regiões. O que não podemos concordar com Genovese é com a sua desconsideração do aspecto especificamente **negro** da revolução.

Tampouco podemos concordar inteiramente, e pelo mesmo motivo, com a mais recente interpretação da revolução, feita pelo historiador francês Pierre Pluchon, para quem Toussaint-Louverture, em vez de um "Black Jacobin", como sugere a tradição iniciada por C.L.R. James e reforçada por Genovese, era um revolucionário negro do **antigo regime**, ressaltando-se dessa forma a oposição de Toussaint à revolução francesa e sua adesão ao ideal monárquico.

Pensamos que examinar a revolução haitiana, inserindo-a no quadro mais amplo das transformações da sociedade ocidental, é, sem sombra de dúvida, um procedimento metodologicamente correto. Mas é preciso que o façamos pontuando com exatidão do que realmente se trata. Na nossa modesta compreensão, a história inteira do Haiti negro (sim, porque é da totalidade dessa história que se trata e não apenas de um momento privilegiado como o revolucionário) é um capítulo trágico, não apenas da "luta pela liberdade no ocidente", mas sobretudo da rejeição que o elemento negro-africano apresentou diante do ignominioso processo de destruição e aniquilamento opressivo a que foram submetidos os povos africanos a partir do século quinze pelo ocidente cristão e capitalista. É, portanto, de um processo vasto e brutal de assujeitamento de povos inteiros que se trata, e é também da resistência (e da indiferença interior) a esse modelo redutor e destruidor que os brancos ocidentais tentam impor e que, em um certo sentido, **fracassa.**

Como poderiam os negros do Haiti se integrarem num processo civilizacional responsável pela sua própria dilapidação enquanto povo? Que promessas foram feitas aos negros africanos que compulsoriamente foram trazidos para a América? Esperava-se mesmo que eles se "ocidentalizassem"? O que foi feito efetivamente nesse sentido? Que promessas de integração são feitas hoje mesmo aos negros e seus descendentes, por toda parte onde eles se encontram? Pelo contrário, em qualquer parte, nos Estados Unidos, nas ilhas do Caribe, no Brasil, na própria África, debatem-se os negros em sua tragédia. A História do Haiti negro é um capítulo dessa tragédia que é também, aí sim, uma tragédia do Ocidente. ■

Bibliografia

ARCINIEGAS, G. **Biografia del Caribe.** B.Aires, Sudamerica, 1957.

BOSCH, Juan. **De Cristóbal Colon a Fidel Castro.** Madrid, Alfaguara, 1970.

CARPENTIER, A. **El Reino de Este Mundo.** Barcelona, Leix Barsal, 1969.

CLAVIER, J.L. Temoignage: Toussaint-Louverture. In: **Révue Française d'Histoire d'Outre Mér**, Tomo LXII, n. 228, 1975.

DELAFOSSE, J.B.L. **Segunda Campaña de Santo Domingo**. Santiago, Diario, 1946.

FAGG, J.E. **Cuba, Haiti & The Dominican Republic**. N.York, Prentice Hall, 1965.

FOUBERT, B. Colones et Esclaves dans le sud de Saint-Domingue au debut de la Revolutión. In: **Revue Française d'Outre Mér**, Tomo LXI, n.223, 1974.

GEGGUS, D.P. From his most Catholic Majesty to the Godless Republic. In: **Revue Française d'Outre Mér**, Tomo LXV, n. 241, 1979.

GASTON, M. **Histoire de l'Ésclavage dans les Colonies Françaises**. Paris, PUF, 1948.

GIRAULt, C. La Genése des Nations Haitienne et Dominicaine (1492-1900) In: **Espace et Identité Nationale**". Paris, C.N.R.S, 1981.

JAMES, C.L.R. **The Black Jacobins (Toussaint-Louverture and the San Domingo Revolution)**. N. York, Vintage Books, 1989.

PIERRE-CHARLES, G Toussaint Louverture. In: **Revista Nossa América**, n.3,1992.

PLUCHON, Pierre. **Toussaint Louverture (Un Revo-lutionnaire noir d'Ancién Régime)**. Paris, Fayard, 1989.

POUQUET, Jean **Les Antilles Françaises**. Paris, PUF, 1952.

SAUER, C.G. **Descubrimiento y Dominación Española del Caribe**. México, Fondo de Cultura Econômica, 1984.

TERSEN, Emile. **Histoire de la Colonisation Française**. Paris, PUF, 1950.

WILLIAMS, Eric **From Columbus to Castro: The History of the Caribbean (1492-1969)**. Londres, A. Deutsch, 1989.

GENOVESE, E. **Da Rebelião à Revolução**. S. Paulo, Global, 1983.

Notas

* Professor do Departamento de História da UFES e Doutor em História do Brasil pela Universidade de São Paulo.